

BOUDICA EM MULHERES ESCONDIDAS PELA HISTÓRIA

Tais Pagoto Bélo *

Resumo: Este artigo está vinculado a uma apresentação feita durante o CPA de 2013, que ocorreu na Unicamp, mostrando como as mulheres foram muitas vezes escondidas pela História e que, quando evidenciadas, suas figuras foram distorcidas e descritas de forma pejorativa. Dessa forma, para expor esses efeitos, o trabalho em questão se baseou na personagem Boudica e em algumas outras mulheres relacionadas a ela ou ao período em que ela viveu, as quais foram descritas pelos antigos escritores Tácito e Dião Cássio, contando com Cartimandua, rainha bretã da tribo dos brigantes, e algumas romanas, como Agripina e Messalina. O artigo também comenta sobre a cultura material que envolve Boudica e o ponto de vista britânico em relação à personagem.

Palavras-chaves: Boudica, mulheres, feminismo.

BOUDICA IN WOMEN HIDDEN BY HISTORY

Abstract: This article is linked to a presentation done during the CPA, in 2013, that occurred in Unicamp, which demonstrated how women were many times hidden by History and when they were shown those figures were distorted and described in a pejorative way. Thus, to illustrate these effects this work was based on Boudica's character and other women who were related to her or connected to the period she lived and were described by the ancient writers Tacitus and Cassius Dio, counting with Cartimandua, Briton queen from the tribe of Brigantes and some Romans women, such as Agrippina and Messalina. The article also comments about the material culture that involves Boudica and the point of view of the British regarding her character.

Key-words: Boudica, women, feminism.

* Doutora em História pelo programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: taispbelo@gmail.com.

Introdução

Este artigo se baseia em uma apresentação feita no XII Colóquio do CPA/III Semana de Estudos Clássicos e trata da questão relacionada à História das Mulheres e ao modo como elas foram, deliberadamente, escondidas. Entretanto, quando evidenciadas, suas imagens foram distorcidas, assim como a de Boudica e as de outras mulheres relacionadas a ela.

Boudica foi a protagonista de um episódio que se passou durante o século I d.C., mais especificamente nos anos 60 d.C. e/ou 61 d.C., que instituiu parte da história do Império Romano e dos primórdios da constituição social britânica e que teve a capacidade de envolver movimentos feministas e a história das grandes mulheres da Grã-Bretanha, como, por exemplo, Elizabeth I e Vitória.

Boudica foi uma rainha e guerreira bretã, da tribo dos iceni, da antiga Britannia, atual Inglaterra. Sua tribo se localizava na parte sudeste desse país, a qual é nomeada hoje de *East Anglia*. Seus atos de coragem, ocorridos em tempos longínquos, entoaram uma lembrança de sua imagem que ecoou por diferentes períodos, tanto de forma polêmica como de glorificação. Contudo, sua figura originou consequências e pensamentos sociais até o presente, principalmente em relação às mulheres.

O intuito dessa apresentação realizada no XII Colóquio do CPA foi levantar debates em relação às discussões do papel feminino na história e ao modo como alguns movimentos buscaram já em tempos passados protagonistas mulheres para darem exemplo e representarem suas ações e reivindicações. Portanto, a partir deste estudo, que aborda o primeiro movimento de liberdade liderado por uma mulher, é deixada aberta a questão de como as mulheres foram pouco retratadas na história e de como elas são lembradas hoje em dia.

1. Boudica e suas filhas: um motivo à guerra

Os escritores antigos Tácito e Dião Cássio escreveram em primeira mão sobre Boudica nas obras *A vida de Agrícola*, *Anais* e *História de Roma*. Esses autores mencionam em seus trabalhos que Boudica tinha vivido no primeiro século depois de Cristo, durante a presença do Império Romano na ilha da Britannia, que havia sido uma rainha bretã da tribo dos iceni, casada com Prasutago, e que liderou um exército contra os romanos.

Prasutago fechou com os romanos um contrato antes de sua morte, o qual consistia em deixar-lhes parte de suas terras. O restante ficou para suas filhas e, de acordo com Tácito, Boudica não teve nenhuma relevância nesse contrato, o que leva a crer que os romanos teriam forçado Prasutago a concordar com esse documento ou que o marido a tenha deixado de lado por saber que ela era contra esse acordo. O rei poderia estar interessado na abrangência de sua influência em relação a Roma, mesmo que sua posição estivesse longe de ser independente. A relação de governador da província com o cliente era pessoal e não dinástica e, por isso, quando o primeiro morresse, os termos de aliança teriam que ser reconsiderados (Aldhouse-Green, 2006).

Em trabalho na Anglia do Leste, Deciano Cato, um oficial de finanças, *procurator Britanniae*, responsável por toda e qualquer função ligada a dinheiro e rendimento, em particular taxaço, viu a morte de Prasutago como um modo de fazer dinheiro e talvez adquirir glória, adicionando o território à província na ausência do governador e do poder de guerra romano, os quais estavam na ilha de Mona. O resultado foi a recusa, por parte de Boudica, da entrega das terras, ocasionando a violação de suas filhas e o açoitamento da rainha guerreira. Esse episódio deu início à formação do exército liderado por ela e, conseqüentemente, à destruição

Tais Pagoto Bélo

de três assentamentos romanos (Aldhouse-Green, 2006), Camulodunum, Londinium e Verulamium, atuais Colchester, Londres e St Albans.

O evento ocorrido com Boudica e suas filhas é considerado, por estudiosas da Antiguidade, tais como Aldhouse-Green (2006) e Johnson (2012), como o pior tipo de humilhação, não apenas pelo testemunho da ferocidade imperial, mas também pela resposta dramática e expositiva a uma mulher reconhecida por desprezar os romanos (Johnson, 2012). Até mesmo para os padrões de Roma, o estupro era considerado um crime bruto de guerra e o açoitamento era uma punição executada em decorrência de uma ofensa hedionda, bem como o assassinato. Na lei do Império Romano, o espancamento até a morte era um método de punição para quem havia cometido o parricídio, que consiste em crime contra os pais (Aldhouse-Green, 2006). Dessa forma, pensa-se que os centuriões que executaram o ato contra Boudica e suas filhas, com a disciplina draconiana que tinham, só poderiam tê-lo feito sob uma repressão muito densa de quem os comandava, ou cegamente cumpriam as ordens de alguém que ocupava uma posição mais elevada, uma vez que não era de interesse romano ter soldados que questionassem ou pensassem a fundo sobre ordens dadas.

Ainda que seja um crime lamentável, o estupro é comum em contextos de hostilidade; é menos associado ao sexo em si, mas sim a violência, abuso, insulto, desonra, controle e criação de vítimas. O conseqüente risco de gravidez faz com que seja também ligado a violação e potente interrupção de uma linhagem (Aldhouse-Green, 2006). Sendo assim, os oficiais valeram-se de um poder que, segundo Johnson (2012), contaminaria as garotas com um descendente bastardo e romano. Mesmo que esse crime seja visto como hediondo, embora fosse um crime de guerra comum, Tácito e Dião Cássio o expuseram muito em seus escritos, o que nos

Boudica em Mulheres escondidas pela História

faz questionar por qual razão, já que esse tipo de abuso físico também reduz o caráter humano dos romanos. Talvez seu objetivo tenha sido mostrar que a conquista era o fator romano primordial e que ela aconteceria de qualquer maneira, ainda que para isso fosse necessário ultrapassar os limites da ética e da moral.

De acordo com Adhouse-Green (2006), o estupro foi especialmente significativo, chocante e degradante para as adolescentes, a mãe, a casa real de Prasutago (Davies & Robinson, 2009) e toda a tribo, não apenas porque eram mulheres, mas também porque eram crianças, provavelmente virgens na puberdade; elas representariam a futura geração da tribo dos iceni, futuras esposas e mães, e, por isso, os romanos quiseram comprometê-las e contaminá-las com seus genes; elas iriam carregar a lembrança da agressão pelo resto de suas vidas (Aldhouse-Green, 2006).

No discurso feminista, o estupro é a maior expressão da ordem patriarcal, visto como um crime que reduz a mulher a um estado degradante. O feminismo vê o estupro como o crime mais extremo direcionado a uma mulher, um ato de violência e repugnância, sendo um dos problemas mais difíceis encarados pelo movimento. A celebração do estupro na história, música e ciência, de acordo com Adrea Dworkin (1989), constitui-se como um paradigma de articulação do poder sexual masculino, como um absolutismo cultural. Robin Morgan (1977) descreve o estupro como a última metáfora para a dominação, violência, subjugação e possessão (Cahill, 2001).

Segundo Fields (2011), a natureza da visão do mundo romano não era de ser passivo, mas de exercer poder para conquistar e dominar. As invasões romanas significavam força e imposição, e não a manutenção da paz. O mundo não era tentado à paz como o era à agressividade e à submissão. Por isso, os romanos sentiam que podiam ameaçar os reinos dos

Tais Pagoto Bélo

clientes como bem desejassem. O que neles consideramos beligerante, bruto e sanguinário era fundamental para sua cultura e sistema social. Os romanos eram muito habilidosos na arte da guerra, a qual dá poder ao Estado, e isso não funcionaria se ela não pudesse ser usada, uma vez que a agressão era fundamental para a base lógica da política estrangeira romana. Além disso, a guerra era a oportunidade de colocar em prática o que aprenderam desde a infância, isto é, a liderar e a mandar. Isso também os fez pedantes, patriarcalistas, brutais e ocasionalmente psicopatas (Fields, 2011).

Portanto, a revolta começou após o episódio da agressão contra Boudica e suas filhas, fazendo com que a rainha dos iceni rapidamente levantasse seu povo e se unisse aos seus vizinhos trinovantes. Tácito menciona que a rebelião iniciou-se em Camulodunum, que abrigava ex-oficiais romanos, os quais tratavam os trinovantes como escravos. Além disso, nessa instalação estava o templo de Cláudio, símbolo da lei romana e de opressão aos nativos, que também significava a vitória e o triunfo dos romanos sobre eles. Todavia, a rebelião de Boudica representou um cataclismo na administração da província. Camulodunum foi destruída ao primeiro impacto. O odiado assentamento foi arrasado e queimado até o chão e a população, sem distinção de sexo ou idade, foi dizimada de formas variadas, entre elas a crucificação, o enforcamento, o ateamento de fogo e o esfaqueamento (Fields, 2011).

Ao descrever a passagem da rebelião na Britannia, Dião Cássio inicia dizendo que um grande desastre estava acontecendo na ilha, já que duas cidades romanas tinham sido saqueadas, oito mil romanos e seus aliados haviam sido derrotados e a ilha, perdida. Todavia, o mais vergonhoso, cita Cássio, era o fato de todo esse desastre ter sido tramado por uma mulher (Cassius Dio, *Roman History* 62.21).

Boudica em Mulheres escondidas pela História

Em *A vida de Agrícola*, Tácito salienta que ela persuadiu sua tribo a pegar em armas contra o inimigo. O autor a apresenta como uma mulher de origem nobre e diz que os bretões não reconheciam a distinção em relação ao sexo de seus governantes (Tacitus, *Agrícola* 16). Além do mais, explica que ela poderia até liderar os brigantes (não comenta sobre os iceni) para queimar a colônia e bramar em campo, porém que, por ser mulher, nunca teria sucesso em batalha. No que diz respeito aos romanos, profere que lutavam como homens destemidos, homens que nunca falhariam em relação à liberdade e que nunca se tornariam penitentes (Tacitus, *Agrícola* 31).

Nos relatos de Dião Cássio, Boudica foi retratada psicológica e fisicamente como masculina, de aparência aterrorizante, olhar feroz e com a voz, o tamanho e as armas de um homem. Seus cabelos avermelhados eram longos até a cintura. Ela possuía um colar de ouro no pescoço, vestia uma túnica e sobre essa um manto preso com um broche (Cassius Dio, *Roman History* 62.22).

Tácito mencionou que para Boudica não lhe cabia o governo, pois era uma mulher. Entretanto, a ênfase que Cássio deu aos danos e ao caos provocados pela rebelião de Boudica demonstrou o poder junto à 'barbaridade' da guerreira e seus seguidores (Macdonald, 1987).

Entretanto, o discurso, as vestes e o jeito transgênero de Boudica foram inventados pelo autor. Ela foi descrita como um homem, mas era uma mulher, o que para os romanos era estranho (Johnson, 2012). Ele a apresentou como grande, com jeito masculino e cabelos brilhantes, características distintas das mulheres mediterrânicas. A Boudica de Cássio é estranha, fora dos padrões e 'bárbara'. Seu gênero é ambíguo e suas vestes e adornos são estereotipados como o do 'outro' (Adhouse-Grenn, 2006).

Tais Pagoto Bélo

A ação mais bestial dos bretões, segundo Cássio, foi pegar as mulheres mais nobres, despi-las, pendurá-las, decepar seus peitos e colocá-los em suas bocas como se os estivessem comendo. Logo, empalaram-nas em lanças afiadas, atravessando seus corpos. Tudo o que faziam era acompanhado de sacrifícios, banquetes e comportamentos arbitrários, não apenas em seus lugares sagrados, mas particularmente no arvoredo de Andraste, que era para eles a deusa da Vitória, motivo pelo qual a resguardavam com excepcional reverência (Cassius Dio, *Roman History*, 62.27).

De acordo com Aldhouse-Green (2006), a mutilação dos seios das mulheres romanas bem como seu empalamento parecem representar um estupro simbólico em vingança ao que foi feito com as filhas de Boudica (Aldhouse-Green, 2006; Davies & Robinson, 2009). Ainda, cortar os seios e colocá-los na boca, como se fosse um ritual canibalista, demonstra que Cássio quis mostrar o quanto os bretões eram 'bárbaros', já que esse estereótipo não fazia parte do que era conhecido como humanidade (Aldhouse-Green, 2006).

Quanto às perspectivas dos autores sobre a rebelião de Boudica, parece que as de Tácito são mais palpáveis, apesar de que foi a descrição de Cássio sobre a guerreira e suas atrocidades que perdurou posteriormente.

1.1. Romanas e bretãs

As fontes dos antigos escritores mencionam que, aparentemente, na antiga Britannia, os bretões tinham mulheres na liderança de algumas tribos. Tanto é que, em *A vida de Agrícola*, Tácito menciona que 'os bretões não faziam distinção do sexo de seus líderes' (Tacitus, *Agrícola* 16). No entanto, há relatos, em os *Anais*, de que mais uma mulher bretã foi líder e rainha. Seu nome era Cartimandua, da tribo dos brigantes, a qual foi retratada por Tácito

Boudica em Mulheres escondidas pela História

como traiçoeira, imoral e adúltera, pois traía seu marido e entregou Carataco, líder de uma rebelião na ilha em 51 a.C., aos romanos; Boudica, por outro lado, foi retratada como uma mulher devota, de moral, porém equivocada. Entretanto, não se sabe ao certo o quanto era comum que as mulheres bretãs comandassem um exército durante a Idade do Ferro, e, pelas fontes antigas, percebe-se que os romanos achavam essa atitude ultrajante (Hingley & Unwin, 2005).

Cartimandua tinha relações diretas com os romanos e era conhecida pela vida privada escandalosa e adúltera. Enquanto era pró-Roma, seu marido, Venutio, demonstrava ser pró-rebelião, ao estilo de Carataco e Boudica. Na interpretação de Tácito, devido às ações de Cartimandua, ela não era considerada uma rainha propriamente dita, mas uma *femina*, que significa ‘mulher’ em latim, lembrando que para os romanos uma rainha era sempre algo anormal, perigoso e imoral (Johnson, 2012). Ela era considerada uma déspota que tratava seu povo como escravo e o sacrificava para servir a Roma. Tácito a descreveu como sedutora, que se utilizava de sua natureza sexual junto com sua crueldade (Johnson, 2012) para se apresentar para os romanos.

Todavia, por mais que as duas fossem de sangue real e tivessem autoridade sobre e além de seus territórios, Boudica nunca aparece nomeada como rainha, porém é descrita com mais similaridade com Carataco e Venutio – o primeiro era líder de uma rebelião na Britannia em tempos anteriores a Boudica e o segundo, o marido de Cartimandua, a favor da rebelião. Tácito mostra ter muito mais simpatia por Boudica, que era descrita como fanática e como uma inimiga extremamente perigosa, enquanto que Cartimandua era uma aliada leal (Aldhouse-Green, 2006).

Táís Pagoto Bélo

De certa maneira, a figura feminina de Boudica, na posição de governante dos nativos, ia contra a questão de gênero aceita pelos antigos escritores (Braund, 1996). As mulheres romanas, por exemplo, tinham um poder limitado dentro de uma sociedade governada por homens, porém elas podiam ter riqueza e ser influentes (Hingley & Unwin, 2005).

Todavia, durante o período mais tardio da República e no início do Império, as mulheres romanas começaram a ganhar mais independência e o caso de Lívia, mulher de Augusto, foi o grande exemplo. Ela difundiu uma tendência de que as mulheres de família imperial poderiam desfrutar de considerável influência através de um representante. Contudo, durante o período em que Tácito e Dião Cássio escreveram suas obras, algumas dessas poderosas mulheres da realeza, notoriamente, já estavam bem aprovadas, assim como a mulher de Cláudio, Messalina, que foi executada, e Agripina, mãe de Nero, admirada e temida, tal como Lívia (Aldhouse-Green, 2006).

Pode-se ter uma ideia da percepção de mulher romana, durante a Antiguidade, pela descrição que Tácito faz delas na obra os *Anais*, na qual narra a imagem do governo de Nero, que se deixou levar pela influência feminina nos assuntos políticos. O autor coloca que as más decisões de Nero só foram possíveis através de conselhos dados por mulheres como Agripina, sua mãe; Otávia, primeira esposa, de 53 a 62; e Popeia, segunda esposa, de 62 a 65. É notório que Tácito defende a percepção de que seria impossível que um bom governo pudesse ser caracterizado pela presença feminina. A primeira fase do governo de Nero, por exemplo, que vai de 54 a 59, é descrita como uma administração de um bom homem, sem influências femininas. Todavia, do ano de 60 a 62, o governo de Nero é descrito com manipulação feminina e, assim, decai na narrativa; a terceira fase, do ano de

Boudica em Mulheres escondidas pela História

63 a 66, é o período de maior vício, em que o controle feminino sobre ele é mais destacado (Varella, 2006).

Tácito faz a seguinte comparação entre as mulheres que cita em sua obra: Cartimandua, aliada de Roma, foi considerada símbolo de servidão romana e moralmente corrupta, como Messalina. O autor cita que ela tinha até uma poluição visual, destruidora do seu e do casamento de outros. Agripina era muito marcante, extremamente política, de degeneração ética, vista como outra mulher imperial que simbolizou a decomposição de Roma. Tácito comenta até sobre suas formas corporais, as quais eram sinônimo de vergonha. Menciona, ainda, que, como Cartimandua e Messalina, Agripina destruiu a unidade familiar e perturbou a liderança cívica, desestabilizando-a. O autor contrastou essa bretã com Boudica, a qual considera que esteve ao lado de seu marido durante sua morte, consolidando remanescentes familiares e de sua tribo, e, ainda, lutou pela liberdade de seu povo (Johnson, 2012).

Entretanto, diferente de Boudica, diante das revoltas que ocorreram na Britannia, Carataco, por exemplo, foi descrito como um homem que, de acordo com os antigos escritores, soube utilizar sua retórica masculina para entrar em acordo com Roma. Diante das perspectivas de comum dominação masculina da sociedade em que Tácito e Dião Cássio viviam, em suas narrativas, reproduziram a visão patriarcal romana sobre o papel da mulher no mundo mediterrâneo daquela época, além de serem influenciados por discursos expansionistas (Pinto, 2011). Sendo assim, descreveram Boudica como uma figura 'bárbara' e incomum no que rege à liderança de um exército. Nesse sentido, autores posteriores, seguindo os mesmos pensamentos, quase sempre a apresentaram como algo diferente, uma anomalia, pois ela

ultrapassava os limites do papel feminino perante a sociedade em que esses escritores viviam.

Entretanto, mesmo sendo muitas vezes descrita de forma pejorativa, Boudica foi constantemente lembrada, da Antiguidade até os dias de hoje, em razão do seu gênero e pelos seus atos, ou seja, pelo fato de ela ter sido uma mulher que levou seu povo à batalha.

2. Boudica em obras posteriores

A contradição entre bravura e ‘selvageria’ estava no cerne dos relatos ingleses dos séculos XVI e XVII e a imagem de Boudica foi parte desse processo. De um lado, ela era vista como exemplo de selvageria nativa e resistência contra a dominação romana e, de outro, como uma honrada personagem que lutou contra Roma e sua opressão. Boudica era apresentada como uma figura complicada nos relatos modernos mais antigos (Hingley & Unwin, 2005).

Durante os anos da década de 1530, houve a quebra do reinado de Henrique VIII, da Inglaterra, com a Igreja, o que levou o governo a receber diretamente pressões políticas que duraram até o reinado de Elizabeth I (Brigden, 2000). Enquanto a Inglaterra se tornou protestante, a imagem de Roma foi resguardada com ambivalência, pois era ligada ao Papa e ao catolicismo (Shepherd, 1981). Essa foi a ocasião ideal para os britânicos resgatarem seu passado bretão e sua história de origem e associarem os ‘selvagens’ da América com os nativos da Britannia.

O excesso do ‘selvagem’ era considerado inevitável para uma mulher no governo naquele período e, assim, Boudica não era considerada totalmente normal. Essa imagem, geralmente delineada por homens, foi tirada dos relatos clássicos, bíblicos e medievais para o início da Idade

Boudica em Mulheres escondidas pela História

Moderna. Os documentos clássicos foram reinterpretados em um contexto contemporâneo a esses escritores e passaram, de certa forma, a denunciar as ideias de governantes e seus gêneros a partir de pensamentos anteriormente construídos nessa sociedade (Hingley & Unwin, 2005).

Como os escritores dos tempos Elizabetanos tinham um grande interesse em figuras virtuosas, Boudica se tornou um dos focos de atenção, sendo retratada como uma mulher patriota, que lutou bravamente contra os romanos. Além disso, como o pai de Henrique VIII era do País de Gales e os galeses eram considerados descendentes diretos dos celtas, Elizabeth I, sua filha, identificou-se muito com Boudica, sendo as duas figuras focos de comparações e contrastes (Mikalachki, 1998).

Depois da morte de Elizabeth I, em 1603, e da tomada do reino por James I, a figura de Boudica apareceu de forma muito mais crítica em relação ao seu gênero e às suas ações. Nos séculos XVII e XVIII, os escritores manipulavam as informações das fontes clássicas e utilizavam a figura de Boudica para dar significado a alguns pontos da sociedade em que viviam (Hingley & Unwin, 2005). Muitas vezes, a história de Boudica saiu dos papéis para o palco.

Entre os anos de 1609 a 1614, a história de Boudica foi contada por John Fletcher (1609/1979) em uma peça de teatro chamada *Bonduca*, que foi adaptada por George Powell, em 1696, e mais tarde por George Colman, em 1778 e 1837. Na peça de Powell (1696), o autor praticamente tirou Boudica de cena, a qual é descrita com menos violência, e concentrou-se nas personagens masculinas, dando espaço para a popular e patriótica trilha sonora de composição de Henry Purcell. Já Colman (1778/1837) apenas adaptou a obra de Fletcher (Matza, 2010). Porém, Fletcher (1609/1979)

Tais Pagoto Bélo

deixou claro que suas visões foram baseadas nos relatos de Cássio e Tácito e que, provavelmente, tinha lido Ubaldini (1591) e Holinshed (1586).

Fletcher (1609/1979) ilustrou uma tensão problemática de gênero e histórica, desprezando até o reinado de Elizabeth I. O caráter negativo que Fletcher (1609/1979) dá a Boudica teve maiores impactos nos cento e cinquenta anos posteriores à estreia de sua peça, mostrando que o século XVII foi marcado por um processo que privilegiava o androcentrismo. Essa visão pode ter aparecido junto com o reinado de Jaime I, que já era rei da Escócia com o título de Jaime VI (1567 – 1625) e sucessor de Elizabeth I (1603 – 1625). Esse rei era filho de Mary Stuart, da Escócia, prima e inimiga da rainha vermelha. Todavia, como Elizabeth I não deixara nenhum herdeiro, Jaime I foi proclamado rei da Inglaterra, pois era o único sucessor existente mais próximo de Henrique VIII. Sendo assim, além da Inglaterra e da Escócia, passou a reger também a Irlanda.

Durante o reinado de Jaime I, era uma questão política minimizar Boudica como uma líder militar. A mesma atitude apareceu em algumas obras da literatura Elisabetana que mencionaram Boudica. A morte de Elizabeth I não alterou a opinião masculina a seu respeito. Em termos gerais, mulheres poderosas eram vistas potencialmente com rompantes da sexualidade, os quais precisavam ser controlados por instituições sociais rígidas e nutridas de restrições. Sendo assim, Boudica estava muito fora dos padrões comportamentais aceitos na época. Contudo, seu valor era visto como admirável, porém precipitado (Hingley & Uwin, 2005).

Contudo, foi depois da Restauração da Inglaterra, com o restabelecimento da monarquia Stuart, com Charles II, em 1660, que a imagem de Boudica passou por uma transformação geral. Sua 'selvageria'

Boudica em Mulheres escondidas pela História

foi reduzida à vida de subordinação das mulheres do século XVII (Hingley & Unwin, 2005).

No século XVIII, a literatura como a de Fletcher (1609/1979), a qual privilegiava a conduta masculina, estava ficando estagnada e começou a ser substituída por autores mais sentimentais, como William Cowper (1782/1980), o qual foi enterrado em East Dereham, parte central de Norfolk, e retratou a guerreira na épica obra chamada *Boudicea: An Ode*, em 1782, na qual a rainha guerreira foi apresentada através de uma imagem assexuada de triunfo e heroísmo britânico.

O autor mostrou que seus atos embasavam o desenvolvimento do Império Britânico e a exibiu como um ícone imperial (Hingley, 2000). A rainha dos iceni foi transformada em uma representação do Império Britânico, ridicularizando Roma, enquanto glorificava a nação em seu próprio caminho de dominação do mundo (Matza, 2010), ou seja, enquadrou o tema do patriotismo e dos problemas políticos contemporâneos, assim como o expansionismo territorial britânico e os movimentos de independência da América.

Além disso, foram removidos da obra todos os aspectos que figuravam a ambição e a agressão de Boudica e, assim, construiu-se sua imagem de forma a ser aceita nessa época (Hingley & Unwin, 2005).

Em 1864, nem todas as obras comentavam a favor de Boudica. O trabalho de Alfred Lord Tennyson é um deles, o qual publicou um poema chamado *Boãdicéa*, com uma pesada crítica à personagem, descrevendo-a como uma heroína essencialmente violenta, selvagem e com fome de guerra. Tennyson (1864) redescobriu Boudica das fontes de Dião Cássio, Fletcher (1609/1979) e outros, além de tê-la reinterpretado para um novo contexto imperial (Hingley & Unwin, 2005).

Taís Pagoto Bélo

Atualmente, Boudica também é lembrada em alguns trabalhos feitos sobre sua imagem, como, por exemplo, o da artista australiana Alexia Sinclair, que, além de trabalhar com desenhos digitalizados de várias mulheres da história europeia, ainda se dedica a fotografias de modelos para revistas de moda. Na verdade, suas modelos se passam pelas personagens históricas e seus desenhos são baseados nelas, por isso, suas imagens remetem a uma beleza bastante contemporânea, nesse sentido, elas possuem rostos perfeitos e cabelos aveludados como os das modelos de passarela.

A artista trabalha com arte final e digital e já ganhou diversos prêmios pela sua arte. Seu estilo é de fácil reconhecimento e muito original e suas obras parecem compor uma narrativa que seduz a audiência, com um estilo sombrio, tentador, barroco e simbólico. Seu trabalho envolve noções de moda e beleza em um inovador meio de comunicação digital, percorrendo o caminho da *Fine Art* e da arte comercial. Ela viaja ao redor do mundo fotografando lugares e modelos e construindo trabalhos originais com essas fotos junto a ilustrações feitas à mão.

A maior preciosidade de Sinclair é a série de trabalhos intitulada *The Regal Twelve*¹, vencedora de três prêmios em 2007 por ser inovadora, retratando algumas rainhas e combinando um estilo contemporâneo com beleza, moda e técnicas de arte final, com o intuito de explorar a vida e o contraste das doze fascinantes mulheres que a artista escolheu para serem trabalhadas, dentre elas, Elizabeth I, Cleópatra, Alexandra Romanov, Maria Antonieta, Eleanor de Aquitane, Boudica, Isabela da Espanha, Elizabeth Báthory, Christina da Suécia, Catarina, a Grande, Agripina e Olympias. Inspirada nos mestres das artes renascentistas, essa série de Sinclair é

¹ As Doze Magníficas.

Boudica em Mulheres escondidas pela História

composta por inúmeros motivos e simbolismos, os quais desencadeiam realidades históricas que parecem irrealis, tendo sido exposta em vários lugares do mundo.

A Boudica de Sinclair constitui-se de um capacete em estilo romano, um cabelo louro muito comprido com tranças, uma tatuagem em azul que percorre sua face até a cintura, um manto fino branco sobre seu peito, seios à mostra, uma espada pequena em sua mão direita, segurando também um *kilt* feminino para mostrar a beleza de seus membros inferiores, os quais estão envoltos por uma meia-calça trançada da cor da pele, e uma adaga em sua bota, além de um *torc* de ouro no pescoço e outro em seu braço esquerdo, junto a outros braceletes e uma larga pulseira no punho.



Boudica – The Celtic Queen (AD 26-61)², 2007, de Alexia Sinclair.

² Disponível em: <<http://alexiasinclair.com/portfolio>>. Acesso em: 19 dez. 2011.

Táís Pagoto Bélo

A questão dos seios nus, como a pintura de Delacroix, de 1830, chamada *La Liberté Guidant le Peuple*, percorre uma gama de significados atrelados à liberdade feminina contemporânea, ao livre-arbítrio das escolhas das mulheres, à luta feminista do passado, à conquista de direitos, às mulheres independentes que conseguiram seu espaço no mercado de trabalho, aquelas que conhecem o poder do corpo feminino e o usam em benefício próprio. Dizer que essa arte é pejorativa e depreciativa é julgá-la como Tácito fez no século I d.C., quando considerou Cartimandua e suas formas corporais uma afronta. O seio também é ligado à riqueza da nação, pois ele nutre, tira a fome, engorda, faz crescer e dá saúde.

3. Boudica e as britânicas

Em meio ao palco da ascensão do Império Britânico, os países que constituíam a Grã-Bretanha, assim como a Escócia, saudaram a rainha Vitória com homenagens.

Contudo, toda essa celebração real pelos escoceses se iniciou depois da primeira viagem, em 1872, pela Escócia, na qual a rainha Vitória se deparou com as raízes celtas mais arraigadas nesse país, encontrando-se com mensagens gaélicas como *Ar Buidheachas Do'n Bhuaidhaich*, que quer dizer 'À Vitória, nossa gratidão'. Alguns aspectos do país, como a palavra 'Vitória' em gaélico, que é *bouda*, é muito próxima da palavra em galês moderno, que é *buddug*, nome da rainha guerreira celta, que nos escritos latinos de Tácito ficou *Boudica*, o qual acrescentou um 'c', mas que provavelmente seu nome era pronunciado *Bowdeekah* originalmente e que no período medieval tardio passou à forma errônea de *Boadicea* (Fields, 2011; Webster, 1978; Davies & Robinson 2009).

Boudica em Mulheres escondidas pela História

Como a rainha Elizabeth I, a rainha Vitória utilizou da força dessa personagem como símbolo de liderança feminina, solicitando a construção de uma estátua em homenagem à guerreira, a qual foi levantada em Londres pelo artista Thomas Thornycroft, próxima à ponte de Westminster, às margens do rio Tâmisa, em frente ao parlamento Britânico, em oposição ao Big Ben.

Tanto o artista dessa escultura quanto o príncipe Albert, que deu apoio à construção dessa estátua, morreram antes que ela ficasse pronta (Webster, 1978). Sendo assim, a obra acabou não recebendo financiamento suficiente para o banho final de bronze, e a prefeitura de Londres teve que formar um comitê público para a arrecadação de verbas, a fim de terminá-la. Os principais donatários foram membros da realeza Inglesa, acadêmicos, jornalistas, políticos e ricos senhores galeses (Hingley, 2000; Pinto, 2011). Esses últimos pareceram reconhecer Boudica muito mais como uma figura bretã do que inglesa. Eles próprios, mais tarde, teriam a imagem da guerreira em Cardiff, País de Gales (Pinto, 2011).



(Bélo, 2012)

Estátua chamada Boudica and her daughters, Londres, 1902.

Tais Pagoto Bélo

Dessa forma, a escultura somente foi entregue pronta pelo filho do artista, John Isaac Thornycroft, e colocada às margens do Tâmsa, pelo Conselho Municipal de Londres, em 1902, causando grande sentimento patriótico, pois a manifestação de Boudica como guerreira nesse momento estava ligada ao sentimento nacional em relação às raízes do passado dessa nação e, nesse sentido, à vangloriação do Império Britânico. Essa obra foi colocada em frente a *House of Commons*, como se fosse defender esse órgão de possíveis ataques do sul, ou seja, do continente (Pinto, 2011).

Em relação à rainha Vitória, quem solicitou a construção da escultura e que cresceu e foi criada para se tornar uma governante, sendo a única herdeira de um cargo de liderança, diferentemente da maioria das mulheres de sua época, a vida de Vitória foi marcada por grandes eventos políticos que exigiam dela muita experiência, paciência, sagacidade e sabedoria.

Entretanto, sob outro ponto de vista de sua vida, repara-se, através das cartas trocadas com suas filhas (Fulford, 1964/1992), que a rainha discutia sobre relacionamentos com um pensamento bastante claro e avançado para sua época, ou seja, as alertava para o fato de que os homens eram a causa de todos os sofrimentos das mulheres e que o casamento era uma das poucas 'carreiras' que uma mulher poderia ter e que a melhor maneira de se entrar nele era ser ignorante (Fulford, 1964/1992).

Nesses documentos, percebe-se que a rainha Vitória observava a diferença entre ela própria e o marido, com olhar que pode ter se formado em consequência da vida de estudo de autores clássicos, diferentemente das mulheres que pertenciam a uma sociedade em que eram dependentes economicamente do marido. Essa situação mostra-se bem evidente em obras de literatura inglesa datadas desse período, como, por exemplo, os escritos de autoras como Jane Austen (1813) e sua obra *Pride and Prejudice*,

Boudica em Mulheres escondidas pela História

que evidencia como a sociedade do século XIX ditava como deveria se dar os laços matrimoniais e mostra que a filha era como um fardo e que um bom casamento seria aquele arranjado com um homem da alta sociedade inglesa. A concepção de mulher do século XIX também é evidente nas obras das irmãs Brontë, Charlotte Brontë (1847), Anne Brontë (1848) e Emily Brontë (1847), que escreveram *Jane Eyre*, *Wuthering Heights* e *The Tenant of Wildfell Hall*, respectivamente, as quais apresentam como tema comum a violência masculina e a vontade feminina de se libertar.

Toda essa ânsia de liberdade teve consequência para as reivindicações do início do feminismo, que buscava a inspiração em todos os fatores de livre-arbítrio expressos principalmente pelas mulheres mais intelectualizadas daquele momento. Elas reivindicavam direitos políticos igualitários e oportunidades econômicas, ou seja, o cerne do intuito do movimento durante o século XIX era a luta pela abertura e independência monetária, logo, liberdade de estudo e de saírem de casa para trabalhar e, conseqüentemente, independência financeira em relação aos maridos, indo contra a concepção básica de casamento daquela sociedade.

Nesse mesmo período, a estátua de Boudica de Londres começou a ser utilizada para outro fim, não mais como um símbolo do Império. A atitude da rainha guerreira, suas ações do passado, contadas pelos antigos romanos, e o uso de sua figura feminina em apoio às grandes mulheres de poder, assim como as rainhas Elizabeth I e Vitória, fizeram com que a sua imagem passasse a ser vista como algo que remetia à força das mulheres.

Em um momento de extrema agitação feminista, pela reivindicação e liberdade de voto das mulheres, as sufragistas britânicas acabaram por utilizar a estátua como ícone de luta e símbolo de representação do feminino. Segundo Hingley e Unwin (2005), a ascensão de Boudica como um ícone

Tais Pagoto Bélo

imperial do período Vitoriano e Eduardiano pode ter sido a razão de as sufragistas a terem adotado (Hingley & Unwin, 2005). Nessas circunstâncias, a posição da estátua, feita por Thornycroft, foi considerada bastante estratégica, uma vez que está colocada de uma forma como se avançasse sobre o parlamento.

Além disso, a figura e mesmo o nome da personagem foram utilizados em cartazes e panfletos. A estátua era o lugar de reunião para as reivindicações do movimento, e até os dias de hoje é usada por grupos feministas como força de ação para as mulheres. Um exemplo disso é o grupo denominado *Climate Rush*, o qual, além de lutar pelos direitos das mulheres, também batalha a favor do meio ambiente. Inspirado pelas antigas sufragistas, o movimento surgiu em outubro de 2008, com 11 mulheres, e mais tarde também teve a presença de homens como militantes. A organização ainda utiliza a velha frase feminista *Deeds not Words*, ou seja, 'Ações não Palavras', além da frase da historiadora Laurel Thatcher Ulrich (2007), *Well-behaved women seldom make history*, que significa 'mulheres bem comportadas raramente fazem história'.

Outra peça primorosa, que se encontra na prefeitura de Colchester, é um vitral que está em conjunto com mais dois vitrais na sala chamada *The Moot Hall*. Essas peças foram colocadas depois da reforma feita nesse prédio em tempos Vitorianos. Além disso, um dos outros dois vitrais possui a figura de Carataco, que também é considerado herói bretão.

O vitral do meio, chamado *The Queens Window*, é composto pelas 'mulheres de Colchester', para comemorar todas as rainhas que visitaram a cidade ou foram associadas a ela, desde Boudica até a rainha Vitória.

Boudica em Mulheres escondidas pela História

Essa obra foi presenteada pelas *Ladies of the Borough*³, sob a liderança da Presidente do Comitê, Emily Sandars, primeira-dama de 1898 a 1899 (Aldhouse-Green, 2006).

No meio do vitral, encontra-se a maior imagem, a da rainha Vitória, e nas laterais observam-se imagens menores de outras mulheres poderosas, com seus nomes escritos junto a elas, sendo que do lado direito embaixo está Boudica, entre Eleanor de Aquitaine, Catharine de Aragão, Elizabeth I, Helena, mãe de Constantino e outras.



(Bélo, 2012)

Imagem de Boudica ampliada no vitral The Queens Window.

A personagem Boudica também se mostra muito importante para a cidade de Cardiff, no País de Gales, pois sua estátua se encontra no prédio da prefeitura, o qual fica localizado no centro, próximo ao Castelo de Cardiff,

³ Mulheres da cidade.

Tais Pagoto Bélo

do Museu Nacional, da Universidade de Cardiff e da Galeria de Gales. A escultura foi feita em mármore Serraveza, em 1916, por James Harvard Thomas. Sua imagem remeteria à crença de que Boudica seria uma líder nativa, sendo os galeses seus descendentes (Hingley & Unwin, 2006; Pinto, 2011). Nessa escultura, ela parece ser retratada como uma bretã que quis se vingar dos erros cometidos contra seu povo e seu lar. A questão de que Boudica seria um símbolo patriótico para os galeses se iniciou em 1900, com a escritora Marie Trevelyan.

A prefeitura de Cardiff recebeu algumas estátuas como um presente para a cidade do Lord Rhondda of Llanwern, as quais custaram por volta de 15000 libras. Os heróis esculpidos por diferentes escultores foram escolhidos depois de uma consulta em que o povo galês foi convidado para dar sua sugestão. A estátua de Boudica foi uma das escolhidas, sendo colocada, com outros heróis, no saguão chamado *The Marble Hall*, inaugurado pelo atual Secretário de Guerra do Império Britânico, David Lloyd George, no dia 27 de outubro de 1916. O nome do salão, *The Marble Hall*, faz jus às colunas de mármore de Sienna moldadas em bronze, o qual também foi utilizado nas luminárias, suplementadas por projetores que refletem o mármore polido do chão. O salão também é composto por vitrais com o tema de sereias e conchas.

Boudica é a única heroína entre outros heróis, assim como entre algumas santidades, oficiais de guerras napoleônicas, reis medievais, poetas e líderes que se rebelaram contra o controle inglês. A construção dessa estátua aponta-a como um símbolo de resistência a um inimigo, seja romano, seja inglês. A importância dessa figura para os galeses pode responder ao fato de os senhores galeses terem contribuído para apoiar o término da estátua de Londres (Pinto, 2011).

Boudica em Mulheres escondidas pela História

Todavia, diferentemente da estátua feita por Thornycroft em Londres, com a beligerante carroça, aqui Boudica não está representada como uma guerreira poderosa, mas como uma mãe zelosa, cuidando de sua prole, cujas crianças parecem refugiadas. Seus braços estão ao redor das garotas, sua face é a de uma mulher preocupada, porém determinada; uma das meninas a olha como se a questionasse e a outra se apoia nela, aceitando o abrigo dos braços. Boudica foi esculpida com longos cabelos, que vão além do meio das costas, com uma faixa na cabeça, vestindo uma longa túnica, a qual Hingley e Unwin (2005) definem como se fosse em estilo grego, com um cinto, uma capa e sandálias, as quais passam a impressão de serem de couro. Segundo Aldhouse-Green (2006), ela parece muito velha para ter duas filhas adolescentes, as quais parecem traumatizadas. É descrita como uma bárbara digna, mas derrotada.

Junto à estátua, tem-se a inscrição *Buddug, Boadicea, died AD 61*, sendo *Buddug* a tradução galesa de Boudica (Aldhouse-Green, 2006). Entretanto, a semelhança que essa estátua possui com a que se encontra em frente ao parlamento britânico é que as duas, consideravelmente, estão localizadas em um espaço político e de poder, além de apresentar uma equivalência com ações femininas.

A estátua de Cardiff também foi eleita, em 2008, para participar da celebração do XV aniversário de angariação de fundo para a campanha contra o câncer de mama promulgada pela corrida chamada *Research UK's Race*. Boudica foi escolhida entre outras seis estátuas históricas de mulheres famosas da Inglaterra, assim como a figura da escritora Jane Austen, em Bath; da estátua da feminista Emmeline Pankhurst, em Westminster, Londres; da estátua de Lady Godiva, em Coventry, que andou nua pelas ruas da cidade, em reivindicação contra seu marido Leofric, para diminuir os

Táís Pagoto Bélo

impostos do povo, por volta do século XI; e da estátua de Pocahontas, em Gravesend, Kent, cuja personagem foi casada com um inglês e a primeira nativa americana a se converter ao cristianismo.

As obras foram adornadas com vestimenta de corredoras para a campanha, com o intuito de refletir a determinação das participantes e de surpreender e impressionar os espectadores ao longo do país.

Como reporta o *site Girlie Gossip Magazine*⁴, o critério para a escolha das estátuas foi a representação de força, talento ou propósitos na história. Segundo Louise Holland, integrante do *Cancer Research UK*, cada estátua foi escolhida para ser vestida como uma corredora, representando a importância da força e da coragem em vários casos, bem como os triunfos contra as adversidades. A entrevistada mencionou também que as mulheres se engajaram, no ano do evento *Race for Life*, a fim de mostrar a dedicação, o esclarecimento e o desejo de mudar de vida, a exemplo das mulheres retratadas nas estátuas históricas e que utilizaram os emblemas peitorais de corrida.

⁴ <http://girliegossip.com/striking-a-pose-famous-female-statues-get-their-running-gear-on-to-help-fight-cancer/> acessado em 12/10/2013.

Boudica em Mulheres escondidas pela História

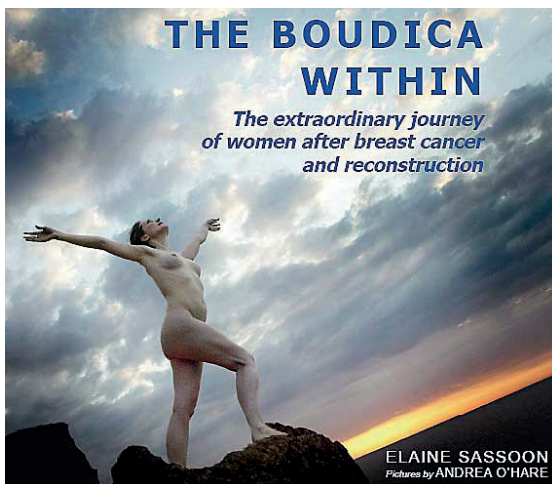


Estátua de Boudica de Cardiff, vestida para a corrida contra o câncer de mama, Cardiff, 2008⁵.

Outra obra que relaciona Boudica, em seu título, com o câncer de mama é o livro *The Boudica within: the extraordinary journey of women after breast cancer and reconstruction*, escrito por Elaine Sasson, consulente de cirurgia plástica, em Norwich, Inglaterra, especializada em microcirurgia e reconstrução de seio. A ideia do livro ocorreu há dez anos, quando ela montou seu posto de consulente em cirurgia plástica e se deparou com os comentários a respeito de que as mulheres de Norfolk não precisavam de seios, que elas estariam focadas no trabalho das fazendas, tendo coisas melhores para fazer. Entretanto, muita coisa mudou depois da presença da consulente no local, dentre elas, o reconhecimento do direito de as mulheres que passaram pelo câncer de mama terem os seios reconstruídos.

⁵ <http://girliegossip.com/striking-a-pose-famous-female-statues-get-their-running-gear-on-to-help-fight-cancer/>

Táís Pagoto Bélo



Capa do livro *The Boudica within: the extraordinary journey of women after breast cancer and reconstruction*, escrito por Elaine Sassoon⁶.

Outro exemplo do uso da figura de Boudica foi sua utilização em comparação a ex-primeira ministra Margaret Thatcher, que, segundo Aldhouse-Green (2006), também sofreu com os comentários, como este feito por Brenda Maddox (2003) em 1972: *Is Mrs. Thatcher human?*. Ainda, com o de Norman St. John Stevas, que a chamava de 'Átila, a Galinha' ou 'A abençoada Margaret', o qual, por esse motivo, perdeu seu posto no ministério. Na obra *Diaries*, de Alan Clark (2001), ela era chamada de *The Lady*, um modo especial e irônico, voltado para o lado sexual no que diz respeito a uma primeira ministra, o qual nunca foi utilizado em relação a nenhum primeiro ministro homem. Clark (2001) a descrevia como uma mulher de grande feminilidade, de modo a demonstrar que o autor a achava bastante atraente,

⁶ (Disponível em: http://www.boudicawithin.com/the_book.htm, acessado em 12/10/2013).

Boudica em Mulheres escondidas pela História

porém não no bom sentido. Contudo, principalmente durante e depois da campanha das ilhas Malvinas, ela fora diretamente comparada com Boudica, levando títulos como *The assassin with the golden hair*⁷ (Sergeant, 2005) e sendo repetidamente intitulada de *The Iron Lady*⁸, um termo que ao mesmo tempo a tratava com feminilidade e projetava a imagem de cruel e feita de aço (Aldhouse-Green, 2006).



Margareth Thatcher como Boudica, na charge de Greoge Gale, 1987.

Um exemplo de como Thatcher foi comparada com Boudica é a charge feita por George Gale, em 1987⁹. O desenho mostra a ex-primeira ministra guiando a carroça de Boudica sobre o mundo. Parece que, mesmo com a onda de desemprego e reivindicações durante seu governo, a ‘Dama de Ferro’ aparenta, nesse desenho, andar sobre o globo terrestre, ou sobre as

⁷ A assassina com o cabelo de ouro.

⁸ A dama de ferro.

⁹ (Disponível em: <http://archbishop-cranmer.blogspot.com.br/2008/10/margaret-thatchers-bruges-speech-20.html>, acessado em 17/05/2012).

colônias britânicas, comandando-as, sobretudo, após a Guerra das Malvinas, em 1982.

Sendo assim, Boudica é vista como a 'primeira mulher britânica', a qual foi uma influência para as feministas e as líderes mulheres da Inglaterra, começando por Elizabeth I, passando por Vitória, por Margaret Thatcher; além de ser uma inspiração para os poetas, artistas e propagandistas de cada período. Contudo, não foi a imagem da rainha guerreira que fez com que os britânicos aceitassem melhor a liderança feminina. Ao contrário, Boudica muitas vezes foi utilizada como argumento e desculpa para admitir-se uma mulher no poder.

Conclusão

Este trabalho sobre Boudica entra para o conjunto de estudos da História das Mulheres, campo que cresceu abruptamente nos últimos anos dentro do domínio das Ciências Humanas, em áreas como História, Sociologia, Antropologia e Arqueologia. Esse *boom* intelectual não apenas foi consequência de estudiosos como Michel Foucault e do espaço conquistado pelos estudos da História Cultural, mas também, em grande parte, dos movimentos feministas. Pode-se afirmar que essa recente abordagem sobre as mulheres se deu devido à inovação do papel feminino no quadro da sociedade e às novas condições assumidas por elas, as quais se mostram, atualmente, numa outra relação com os homens e se preocupam em primeiro lugar com a vida profissional, enquanto que, no passado, elas unicamente se dedicavam à maternidade e ao casamento. Portanto, essa recente inserção das mulheres nos estudos humanísticos se deve à nova relação delas nas sociedades ocidentais contemporâneas (Silva, 2004).

Boudica em Mulheres escondidas pela História

Sendo assim, foi no contexto das mudanças nos paradigmas das Ciências Humanas, da crise da modernidade, das metanarrativas, dos essencialismos que grupos ditos 'excluídos', assim como negros, mulheres, homossexuais, entre outros, conseguiram abrir a oportunidade para reivindicar o direito de se tornarem objetos de estudo e de escreverem sua própria história (Silva, 2004). Dessa forma, na esteira desse processo, estabeleceram-se debates e problematizações sobre esse assunto dentro do pensamento intelectual acadêmico.

Portanto, a História das Mulheres teve um papel de inclusão, conferindo a elas meios para obterem maior visibilidade no campo historiográfico. No entanto, incluir não significou ganhar espaço, o que torna compreensível o impacto limitado desse tipo de história sobre os historiadores (Silva, 2004); por essa razão, foi preciso buscar formulações teóricas utilizáveis para essa abordagem, que não somente estuda as relações masculinas e femininas no passado, mas também a ligação entre a história do passado e a do presente.

Em relação à figura de Boudica, a fascinação pública pela rainha guerreira é ainda bem evidente. Ela é vista como uma personificação majestosa e com virtudes maternas. Além disso, simboliza força política e independência, sendo observada como uma guerreira que lutou contra a injustiça e, muitas vezes, se tornou um talismã, já que a memória a enquadra em um panteão de idealizações, na medida em que os próprios britânicos a transformaram em um ser mítico. Embora, muitas vezes, tenham esquecido o fato de que ela realmente existiu, a inspiração que ela provoca bem como seu legado mantêm-se sempre vivos.

Referências Bibliográficas

- ADHOUSE-GREEN, M. 2006. *Boudica Britannia*. London: Pearson Longman.
- AUSTEN, J. 1813. *Pride and prejudice*. London: T. Egerton.
- BRAUND, D. 1996. *Ruling Roman Britain: kings, queens, governors and emperors from Julius Caesar to Agricola*, London, Routledge.
- BRIGDEN, S. 2000. *New worlds, lost worlds: the rise of the Tudors 1485 – 1603*, London, Penguin.
- BRONTË, A. 1848. *The tenant of wildfell Hall*. London: T. C. Newby.
- BRONTË, C. 1847. *Jane Eyre*. London: Smith, Elder & Co.
- BRONTË, E. 1847. *Wuthering Heights*. London: T. C. Newby.
- CAHILL, A. J. 2001. *Rethinking rape*. Ithaca and London: Cornell University Press.
- CASSIO, D. 1925. *Dio's Roman History*. Edited by E. Cary, London, G. B. Putman.
- CLARK, A. 2001. *Diaries*. London: Weidenfeld & Nicolson/Phoenix.
- COWPER, W. 1792/1980. *Boadicea: an ode*, In: J. D. Baird and C. Ryskamp (ed.) *The poems of William Cowper*, Oxford, Clarendon Press. 1:1748 – 82, 431 – 32.
- DAVIES, J & ROBINSON, B. 2009. *Boudica: her life, times and legacy*. Cromer: Poppyland Publishing.
- DWORKIN, A. 1989. *Pornography: men possessing women*. New York: E. P. Dutton.

Boudica em Mulheres escondidas pela História

- FIELDS, N. 2011. *Boudicca's rebellion AD 60 – 61: the Britons rise up against Rome*. Oxford: Osprey Publishing.
- FLETCHER, J. 1609/1979. *Bonduca*, In: F. Bowers (ed.) *The dramatic works in the beaumont and Flecher canon*, Cambridge, Cambridge University Press, IV, 149 – 259. First performed 1609-14.
- FULFOLD, R. 1964/1992. *Dearest child: letters between Queen Victoria and the princess royal previously unpublished*. edited & copyrighted by Roger Fulford.
- GLOVER, R. 1753/1797. *Boadicea*, In: J. Bell (ed.) *British Theatre: volume II*, London, British Library. First performed 1753.
- HINGLEY, R. 2000. *Roman officers and English gentlemen: the Imperial origins of Roman archaeology*. London: Routledge.
- HINGLEY, R. & UNWIN, C. 2005. *Boudica: Iron Age warrior queen*. London: Hambledon Continuum.
- HOLINSHED, R. 1586. *The chronicles of England, Scotland and Ireland*. Newlie Augemented and continued by John Hosker + V. Gent and others. Place of publication and publisher unspecified. Firs published 1577.
- JOHNSON, M. 2012. *Boudicca*. London: Bristol Classical Press.
- MADDOX, B. 2003. *Maggie. The first lady*. London: Hodder & Stoughton.
- MATZA, C. A. 2010. *Boudica: historical comentaries, poetry and plays*. USA: Alekis Matza.
- MIKALACHKI, J. 1998. *The legacy of Boadicea: gender and nation in early Modern England*, London, Routledge.
- MORGAN, R. 1977. *Going too far: the personal chronicle of a feminist*. New York: Random House.

Tais Pagoto Bélo

- PINTO, R. 2011. *Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Departamento de História, área de concentração em História Cultural.
- POWELL, G. 1696. *Bonduca: or, The British Heroine*.
- SHEPHERD, S. 1981. *Amazons and warrior women: varieties of feminism in Seventeenth-Century drama*. Brighton, Harvester.
- SILVA, G. J. 2004. "Gênero em questão – apontamentos para uma discussão teórica". In: *Mneme – Revista virtual de humanidades*, n.10, v. 5. Disponível em <http://seol.com/mneme>.
- TACITUS, P. C. 1914. *Agricola*. London: William Hinemann LTC; Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- _____. 1968. *The Annals of Imperial Rome*. Great Britain: Penguin Classics.
- TENNYSON, J. 1864/2000. *Poetical works of Alfred Lord Tennyson*, London, Macmillian and Co.
- TREVELYAN, M. 1901. *Britain's greatness foretold: the story of Boadicea, the British warrior-queen*. London: John Hoogg.
- UBALDINI, P. 1591. *Le vite delle donne illustri, del regno d'Inghilterra, e del regno di Scotia*, London.
- ULRICH, L. T. 2007. *Well-behaved women seldom make history*. New York: Random House.
- VARELLA, F. F. 2006. "A proximidade feminina e a imagem Imperial: Nero, Tácito & os Anais". In: Revista electronica: *Cadernos de História*. Ano I, n.2. www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria, ISSN 19800339.

Boudica em Mulheres escondidas pela História

WEBSTER, J. 1978. *Boudica: the British revolt against Rome AD 60*, London, Batsford.